



Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo

**Da literatura como um ofício perigoso:
Crítica e ficção na obra de Roberto Bolaño**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras, PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Karl Erik Schollhammer

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010



Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo

**Da literatura como um ofício perigoso
Crítica e ficção na obra de Roberto Bolaño**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo relacionada.

Prof. Karl Erik Schollhammer

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Marília Rothier Cardoso

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Ana Paula Veiga Kiffer

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Alberto Giordano

UNR

Profa. Ana Cecília Arias Olmos

USP

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2010

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo

Graduou-se em Economia na Universidade dos Andes da Colômbia em 1999. Obteve o título de Mestre em Literatura Latino-americana na Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia em 2004. Escritor, tradutor e crítico literário. Publicou contos e ensaios em revistas no México, Venezuela, Argentina, Colômbia e Brasil.

Ficha Catalográfica

Gutierrez Giraldo, Rafael Eduardo

Da literatura como um ofício perigoso : crítica e ficção na obra de Roberto Bolaño / Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo ; orientador: Karl Erik Schollhammer,. – 2010.

179 f. ; il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Bolaño, Roberto. 3. Literatura latino-americana contemporânea. 4. Crítica dos escritores. 5. Metaliteratura. 6. Literatura e mal. I. Schollhammer, Karl Erik. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Elvira e Gael
E para Cecília Marin (1922-2010)

Agradecimentos

À CAPES, CNPq e PUC-Rio, que me deram o apoio necessário para realizar esta pesquisa.

A meu orientador Karl Erik Schollhammer, por compartilhar seu conhecimento, por seu estímulo constante e pela amizade que me ofereceu desde o primeiro dia.

Ao professor Alberto Giordano, por sua generosidade e carinho e aos demais membros da banca examinadora, Ana Cecília Olmos, Marília Rothier, Ana Paula Kiffer, Sandra Contreras e Júlio Diniz, pelos valiosos aportes que fizeram a esta tese em diversos momentos do processo.

Ao Guillermo Giucci, por fazer parte de minha banca de qualificação.

Aos críticos, professores e escritores Celina Manzoni, Cecília García Huidobro, Christopher Dominguez Michael, Edmundo Paz Soldán, Adriana Astuti, Mónica Bernabé e Florencia Garramuño, pelas conversas, idéias e materiais que compartilharam comigo durante o processo desta pesquisa.

A meus amigos do Núcleo de Literatura Latino-americana: Carla Albornoz, Ariadne Costa, Diana Klinger, Paloma Vidal, Laura Erber, Mauro Gaspar, Irení Depetris, Luciana Di Leone, Christian Dutilleux (esta tese lhe deve muito ao diálogo com todos eles) e aos professores e colegas da pós-graduação em letras da PUC-Rio.

À Chiquinha e às outras secretárias da Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, pela ajuda e paciência.

Ao Carlos Della Paschoa, da Biblioteca Cervantes do Rio, por toda sua colaboração.

A meus amigos da Livraria Berinjela: Silvia, Daniel, Ana, Dona Nora, Zílio, Mauro, Rodrigo, Bernardo, Pedro, Eduardo, Filipe, Michel e Carlito, por todas as conversas, peladas e cervejas compartilhadas.

À Leinimar Alves e Renata Magdaleno pela revisão do português.

A meu amigo Pedro Amaral, por suas leituras críticas desta tese, pelo intercâmbio de idéias e por sua amizade e companhia no Rio e em Brasília.

À minha família no Rio: Andrea, Daniela, Fernando, Felipe, Antonia, Federico, Natascha, Uri, Horacio e Marie, pela presença constante.

À minha família na Colômbia: meus pais Gloria e Rafael, meus irmãos Natalia e Alejandro e meus sogros Stella e Ramón, pelo apoio incondicional.

À María Elvira por estar sempre.

Resumo

Gutierrez Giraldo, Rafael Eduardo; Schollhammer, Karl Erik. **Da literatura como um ofício perigoso: crítica e ficção na obra de Roberto Bolaño**. Rio de Janeiro, 2010. 179p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese realiza uma análise das intervenções críticas do escritor chileno Roberto Bolaño (prólogos, crônicas, resenhas, discursos e entrevistas) ressaltando suas principais características formais e temáticas e a particular concepção do literário que se desenha a partir delas. Nesse corpus, identifica-se uma idéia central do pensamento de Bolaño e uma chave de aproximação à sua própria obra ficcional: a noção da literatura como um ofício perigoso. Assim, a obra de Bolaño se incorpora a uma tradição literária que identifica a escrita ficcional como uma prática que põe em risco a saúde espiritual do escritor e que o aproxima do lado sinistro da existência. Tanto na sua obra ficcional, através de seus personagens, quanto em suas intervenções críticas, e na figura do escritor que Bolaño elabora de si mesmo, coloca-se em cena o risco que implica, para o artista, o caminho das letras, o pacto faústico que o escritor deve assumir ao reconhecer plenamente sua vocação. O texto faz um percorrido pelas principais características das intervenções críticas dos escritores, apresentando suas transformações em diversos momentos da história literária latino-americana (os primeiros anos da independência política, o ‘boom’ latino-americano e o momento presente), com o objetivo de contextualizar a análise do corpus de Bolaño. A aproximação a estas intervenções críticas mostrou que elas muitas vezes não se diferenciavam dos textos ficcionais do autor, o que levou ao exame das relações entre a crítica e a ficção em sua obra e sua incorporação dentro da tradição da metaliteratura, evidenciando como o espaço crítico e o ficcional se misturam permanentemente e se constroem de forma simultânea em seus textos.

Palavras-chave

Roberto Bolaño; literatura latino-americana contemporânea; crítica dos escritores; crítica ficcional; literatura e mal; metaliteratura.

Resumen

Gutierrez Giraldo, Rafael Eduardo; Schollhammer, Karl Erik. **De la literatura como un oficio peligroso: crítica y ficción en la obra de Roberto Bolaño.** Rio de Janeiro, 2010. 179p. Tesis de Doctorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La tesis realiza un análisis de las intervenciones críticas del escritor chileno Roberto Bolaño (prólogos, crónicas, reseñas, discursos y entrevistas) resaltando sus principales características formales y temáticas así como la particular concepción de lo literario que se diseña a partir de ellas. En este corpus se identifica una idea central en el pensamiento de Bolaño y una clave de aproximación a su propia obra ficcional: la noción de la literatura como un oficio peligroso. Así, la obra de Bolaño se incorpora a una tradición literaria que identifica la escritura ficcional como una práctica que pone en riesgo la salud espiritual del escritor y que lo aproxima al lado siniestro de la existencia. Tanto en su obra ficcional, a través de sus personajes, como en sus intervenciones críticas y en la figura de escritor que Bolaño elabora de sí mismo, se pone en escena el riesgo que implica, para el artista, el camino de las letras, el pacto faústico que el escritor debe asumir al reconocer plenamente su vocación. El texto hace un recorrido por las principales características de las intervenciones críticas de los escritores presentando sus transformaciones en diversos momentos de la historia literaria latinoamericana (los primeros años de la independencia política, el ‘boom’ latinoamericano y el momento presente) con el objetivo de contextualizar el análisis del corpus de Bolaño. La aproximación a estas intervenciones críticas mostró que éstas muchas veces no se diferenciaban de los textos ficcionales del autor, lo que llevó al examen de las relaciones entre la crítica y la ficción en su obra y a su incorporación dentro de la tradición de la metaliteratura, mostrando como el espacio crítico y el ficcional se mezclan permanentemente y se construyen de forma simultánea en sus textos.

Palabras-clave

Roberto Bolaño; literatura latinoamericana contemporánea; crítica de los escritores; crítica ficcional; literatura y mal; metaliteratura.

Sumário

O poeta guerreiro	13
1. Introdução	15
2. As intervenções dos escritores	33
2.1. O lugar onde se pensa a literatura	33
2.2. As intervenções do escritor na América Latina	40
2.2.1. Escritores-pensadores-políticos e elites ilustradas	41
2.2.2. O <i>boom</i> : escritores-intelectuais-críticos	46
2.2.3. O escritor-crítico literário e a crítica ficcional no presente	50
3. As intervenções críticas de Bolaño: o escritor como estrategista no combate literário	59
3.1. Os primeiros textos, o gesto neovanguardista	60
3.2. A partir de 1998, o escritor consagrado	66
3.2.1. Os discursos ou o neopanfleto literário	73
3.2.2. As notas sobre literatura ou a autobiografia do escritor como leitor	80
3.2.3. As entrevistas ou a construção do mito pessoal do escritor	88
4. A crítica ficcional	99
4.1. Alguns antecedentes no contexto latino-americano	99
4.2. A crítica ficcional na obra de Bolaño	106
4.2.1. A <i>etnografia</i> do campo literário	106
4.2.2. A teoria e a crítica dos personagens ficcionais	110
4.2.3. Autobiografia, crítica e ficção	114
4.3. Crítica e ficção ou tudo é literatura	120
5. A literatura como um ofício perigoso: a idéia de literatura na crítica e na obra de Bolaño	128
5.1. A literatura como perigo em suas intervenções críticas	128
5.2. A crítica como espelho secreto da obra	141
6. Considerações finais	157
Referências bibliográficas	166

Abreviaturas

Obras de Bolaño citadas no texto:

ESM – El secreto del mal (2007)

EP – Entre paréntesis (2004)

EGI – El gaucho insufrible (2003)

AM – Amberes (2002)

PA – Putas asesinas (2001)

A – Amuleto (1999)

MP – Mounsier Pain (1999)

LDS – Los detectives salvajes (1998)

LT – Llamadas telefónicas (1997)

ED – Estrella distante (1996)

LNA – La Literatura Nazi en América (1996)

CDM – Consejos de un discípulo de Morrison
a un fanático de Joyce (2006 [1984])

PMI – Primer Manifiesto Infrarrealista (1976)

Lista de figuras

Figura 1 – Capa da Revista Mensal do Movimento Infrarrealista	61
Figura 2 – Capa e contracapa de <i>La literatura nazi en América</i> , Editora Seix Barral	124
Figura 3 – Um policial cobre um cadáver em Cidade Juárez	147

Para mí, la literatura traspasa el espacio de la página llena de letras y frases y se instala en el territorio del riesgo, yo diría del riesgo permanente.

Roberto Bolaño

O poeta guerreiro

Nasceu em Santiago, a finais de abril de 1953. O mesmo ano em que morreu Stalin e Dylan Thomas, personagens que apareciam em seus sonhos, sentados em uma mesa pequena e redonda, em um bar da Cidade do México, lutando para ver qual dos dois agüentava mais bebendo (Dylan Thomas whisky e Stalin vodka).

Criança viveu em Valparaíso, Quilpué, Cáuquenes e Los Ángeles. Desses anos guardava a imagem de sua avó, levando-o pela mão por algum deserto iluminado do Chile.

Aprendeu a ler sem ajuda de ninguém aos três anos. Aos sete, escreveu seus primeiros contos que tratavam de frangos e galinhas. Por essa época o médico da família advertiu a seus pais que o menino estava adiantado intelectualmente, mas que corria o risco de estancar a uma determinada idade e não avançar mais. Seus pais, preocupados, tiraram-lhe os lápis, as revistas, os livros; ele, no entanto, começou a escrever com o dedo na terra. Escrevia repetidamente a palavra pátio.

Sua mãe era professora de matemática e seu pai boxeador. Talvez por isso seu espírito fosse provocador e bélico, embora em seus últimos anos de vida estivesse proibido de lutar por recomendação médica.

Em 1968, foi morar no México e o México nunca o abandonou, pelo menos o México mítico e idealizado de sua juventude, o México noturno e marginal que respira nas páginas de seus romances, contos e poesias.

Começou escrevendo textos dramáticos, mas queimou todos em uma fogueira improvisada no centro do DF. Depois começou a escrever poesia e nunca deixou de fazê-lo. Sempre se viu como poeta, embora sua fama seja a de romancista. Na verdade, seus romances e contos são uma forma de recriar o ato poético.

Foi infrarrealista, comunista, trotskista, mas seu espírito rebelde lhe impedia de estar de acordo com alguém mais que não tivesse o sangue daquele que escreveu *Los detectives salvajes*.

Foi ao Chile para fazer a revolução e se encontrou com o horror da história. Alistou-se na resistência – uma resistência frágil e absurda. Foi preso em uma estrada

do deserto devido à estranheza de seu sotaque e a um jeans de marca estrangeira. Dois amigos de infância o reconheceram e o deixaram ir. Só voltaria ao Chile mais de 20 anos depois.

No México se apaixonou por uma poeta americana, que o deixou com o coração destruído. Buscou a épicia em velhos filmes de Sam Peckinpah, nos livros de Borges e de Mark Twain. Como Alejandra Pizarnik, escreveu o tempo todo como quien con un cuchillo alzado en la oscuridad.

No caso de não ter sido poeta, teria sido detetive de homicídios, para voltar ao lugar do crime e não assustar-se com os fantasmas. Valorizava a qualidade daqueles que dizem as coisas, quando outros se calam. Por isso admirava a Lemebel e a Rey Rosa.

Sabia do inferno que se esconde na boca negra do floreiro dos poetas. O inferno que observava com melancolia Pedro Garfias em seu exílio mexicano.

Viajou por vários continentes, perdeu países, misturou sotaques, confundiu as palavras e as frases. Às vezes fazia que um personagem mexicano falasse como se fosse um espanhol, ou um personagem espanhol como se fosse um chileno. Dizia que a pátria de um escritor era sua língua, sua biblioteca e seus amigos.

No sul da Espanha encontrou finalmente uma casa e ganhou uma família; pedia aos deuses de sua biblioteca que a protegesse.

Sabia perfeitamente que a literatura não serve para nada, e deu sua vida por ela.

Nas paredes da cidade apareceram grafites reclamando um fígado para o poeta. Mas não houve tempo. Agora deve estar escondido embaixo da mesa onde escreve Cortázar, ou espiando atrás de uma estante da biblioteca de Borges ou de Bioy ou de Bustos Domecq, esperando a Nicanor Parra para fazer piadas, como dois fantasmas, ou como a sombra de dois fantasmas pelas ruas de Santiago.

Morreu com os dedos sobre o teclado de um velho computador branco perto da primeira ou da última pedra da costa brava.

A última palavra que escreveu foi México.